

Saúvas destroem pastagens

As formigas provocam redução de rebanhos e

Luiz Carlos Rizzo
Maringá

Reflexo direto da falta de visão preservacionista em relação aos recursos naturais - especialmente quanto ao solo -, uma praga vem destruindo milhares de hectares de pastagens no Noroeste, a principal região de pecuária do Norte do Paraná. Trata-se da "Atta capiguara", a temível saúva. Sem seus predadores naturais em consequência do desmatamento (a região conta menos de três por cento de cobertura vegetal permanente), essa formiga cortadeira já se espalha por quase 300 mil hectares considerando-se apenas as

renciais pela "Mato Grosso", a mesma utilizada em campos de futebol, embora - se esta faltar - pode atacar também gravilhas e colônias, o popular capim-elefante.

De acordo com Romoaldo Faccin, agrônomo e coordenador de lavouras do escritório regional da Emater em Maringá, faz mais de duas décadas que as saúvas infestam a vida dos criadores de gado do Noroeste. Paranavaí, por exemplo, é con-

praga conta com milhares de formigueiros em quase 2.000 propriedades totalizando 80,6 mil ha a área infestada. Em resumo, 36% das terras reservadas à bovinocultura enfrentam o problema.

Qual a solução? Na visão de Tadeus Bastiani, agrônomo e coordenador de recursos na-



Saúvas disputam o pasto com os bois

tal da formiga cortadeira no Noroeste do Estado. Assim, os pecuaristas terão que travar batalha permanente para manter os seus rebanhos sob controle e em níveis de danos não econômicos.

Teoricamente, esta é a solução correta, embora na prática ocorra algo diferente. Extensas fazendas no Noroeste pertencem a famílias ou empresas de São Paulo que, em muitos casos, nunca colocaram os pés nas propriedades. Elas são mantidas únicas e exclusivamente como patrimônio familiar, servindo de garantia em empréstimos para as principais atividades de seus donos geralmente relacionados à indústria.

Embora acima de 2 mil produtores rurais tenham sido treinados nos últimos dois anos

para o controle de saúva, este número ainda é reduzido diante da gravidade do problema. Enquanto a pesquisa procura alternativas para combate mais eficiente, a exemplo da denominada UBV (Ultra Baixo Volume), que utiliza gás metano e butano sobre o formigueiro, a situação se agrava a cada dia.

Na região de Paranavaí, principal pólo de criação de gado de corte no Estado, dos 955 mil hectares destinados ao segmento, 190 mil ha estão infestados pela praga, que também começa a chegar em Umuarama. Alberto Moros, chefe do escritório regional da Emater-PR nessa cidade, põe o dedo na ferida: "A proliferação de saúvas reflete a forma como o solo do Noroeste é utilizado. Há degradação, falta manejo de pastagem, a reforma dos pastos não acontece de acordo com recomendação técnica e o resultado está aí: não mais de uma cabeça de boi por hectare em área infestada."



Um saúveiro corta 2,5 kg de forragem/dia.

regiões de Maringá e Paranavaí. Nesta última, o ataque é mais intenso.

A saúva-parda - esta sua denominação correta e técnica -, dentre todas gramíneas que destrói, tem opção prefe-

siderada região epicêntrica, de ataque mais intenso em todo o Estado.

Na região de Maringá - 29 municípios -, dos 446 mil hectares de pastagens envolvendo 8.300 propriedades rurais, a

Em Maringá, o prejuízo causado pelas saúvas chega a mais de US\$ 16,9 milhões

Eis alguns números que dimensionam os estragos causados pelas saúvas:

- ② Um saúveiro adulto com 70 m2 corta em média 2,5 Kg de forragem/dia
- ② Pastos reformados a cada cinco anos contam com cerca de cinco saúveiros/ha. Esse número soma 18 formigueiros por ha se a reforma ocorrer a cada 10 anos
- Em áreas de pasto bem manejado, são alimentados 2,18 bovinos/ha. Se houver infestação de saúvas, este número cai para 1,13 bovinos.
- Na região de Maringá, em razão da proliferação dessa praga, a capacidade de lotação caiu de 2,18 para 1,05 cabeça/hectare. Considerando-se a infestação de 80,6 mil ha e redução do rebanho para 84,6 mil cabeças, o placar aponta: a região produz por ano 846,8 mil arrobas a menos. Isto significa prejuízo financeiro direto de US\$ 16,9 milhões.

Na pecuária leiteira regional, as perdas não são menores: US\$ 4,7 milhões. Por isso que pequenos criadores de gado de corte, tal como o maringaense Otávio de Oliveira, deixaram para trás o sonho de ser fazendeiro para retornar à pequena atividade empresarial urbana. Oliveira comprou uma propriedade de médio porte na região de Cianorte. Depois de dois anos de trabalho, entregou os pontos. Além de enormes saúveiros que teimavam em atingir as demais áreas do imóvel, Otávio de Oliveira demonstrava-se impotente diante de outra consequência direta de degradação dos solos: enormes bacias de erosão que avançam em todos os sentidos dentro de sua propriedade. Desanimado, parou de colocar "dinheiro bom em cima de dinheiro ruim". Não quer mais saber de sítio e abandonou o sonho de ser pecuarista. Que, no seu caso, se transformou em pesadelo que doía fundo na parte mais sensível do corpo humano: o bolso.

De olho na produtividade do algodão

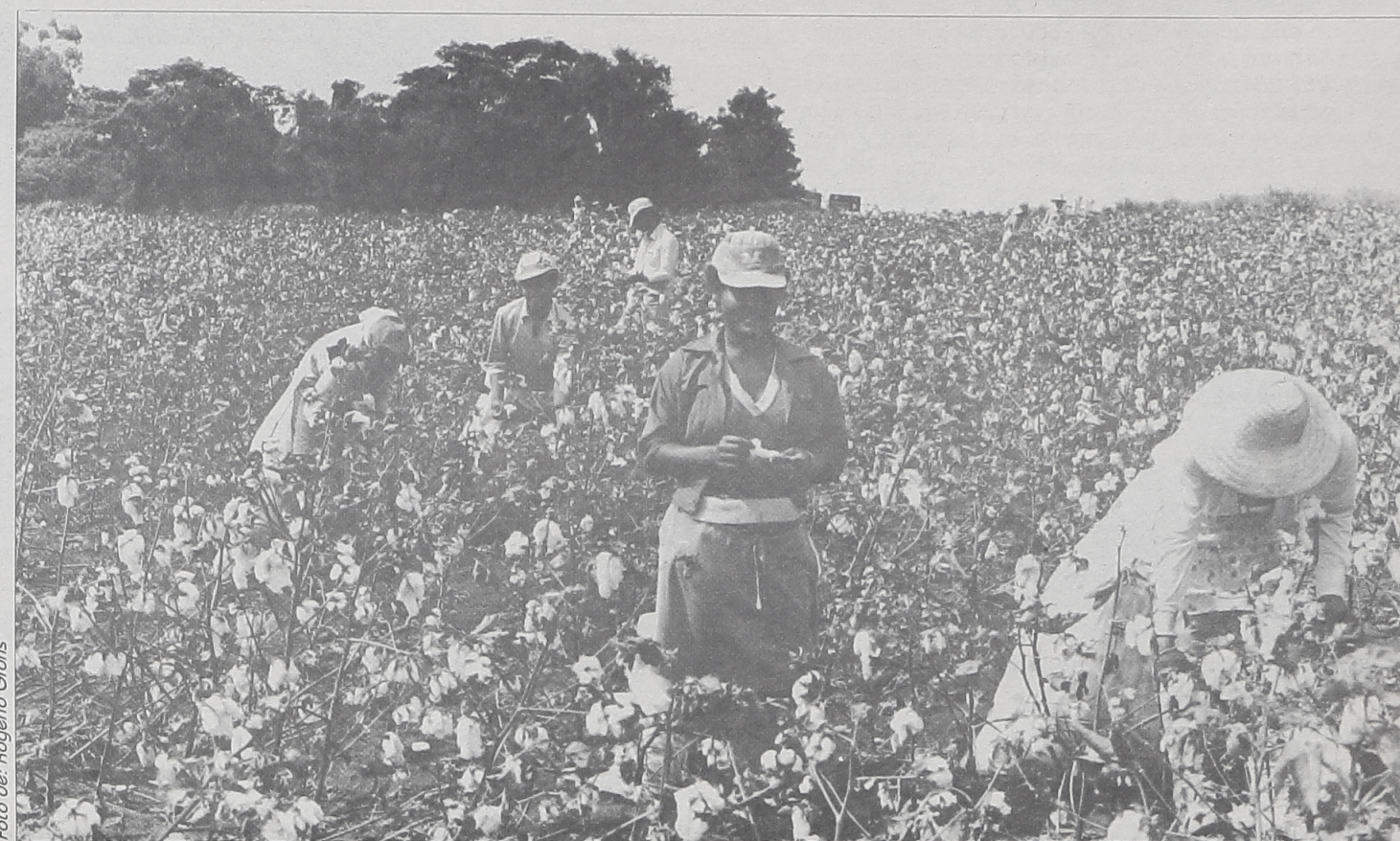
Países do Cone Sul se unem para ganhar o mercado externo

Vânia Casado

Argentina poderá ampliar a área plantada de algodão, passando dos atuais 500 mil para 800 mil hectares, na próxima safra. Essa informação obtida pelo técnico da Secretaria da Agricultura, Humberto Bernardes, na realização do 13º Encontro do Mercosul, em Córdoba, Argentina, significa que se os produtores não acordarem, em breve, os argentinos poderão ganhar ainda mais espaço no mercado brasileiro. A área ocupada com o algodão herbáceo e arbóreo no Brasil é de 1.130 mil hectares. Acontece que a produtividade aqui é muito baixa e no lugar de incentivos à cultura, o governo federal liberou, no ano passado, as importações do fio de algodão com alíquota zero, iniciativa que reduziu drasticamente a produção nacional.

Na verdade o que se pretende é a união dos três países produtores de algodão do Cone Sul, como Argentina, Brasil e Paraguai, para aumentar o intercâmbio tecnológico e tornar o produto dessa região competitivo no mercado externo.

Na reunião de Córdoba, contou com a participação de representantes da iniciativa privada dos três países foi definida a elaboração de estudos para atingir uma tarifa externa comum, intercâmbio tecnológico, eliminação das assimetrias (di-



Política de importação reduziu a produção nacional de algodão.

ferenças) e transportes e trâmites aduaneiros. Também foram discutidos o combate à pragas e doenças comuns e o intercâmbio de padrões de classificação. Representou o Brasil, o presidente da Cocamar (Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá) Luis Lourenço; a Argentina, o presidente da Câmara Algodoeira Argentina, João Carlos Kaehler e o Paraguai, o dirigente da Cadelpa, Pedro Lino Morel.

Eles manifestaram a preo-

cupação de aumentar a produtividade do algodão no Mercosul. Juntos, os três países produzem 825 mil toneladas de algodão em pluma, que representam 5% da safra mundial, avaliada em 16.643 toneladas. Já a área ocupada é de dois milhões de hectares, que representa 6,5% do plantio mundial, hoje estimado em 31,5 milhões de ha. A participação dos países que vão integrar o Mercosul chegaria a 10% se a área ocupada no

Paraná, que se destaca como primeiro produtor nacional, não tivesse sido reduzida de 705 mil para 231 mil ha nos últimos dois anos. Também o Paraguai foi prejudicado com redução de produtividade em consequência do ataque da doença azul.

A mobilização em tornar a produção de algodão do Cone Sul competitiva no mercado externo é reflexo também da importância social que a cultura representa para esses países. No Para-

guai, são 190 mil produtores e cada um ocupa uma área média de 2,2 hectares, controlada exclusivamente por unidades familiares. Da produção paraguaia avaliada em 168 mil toneladas de algodão em pluma, 95% é exportado. A Argentina consome 50% de sua produção (227 mil t) e exporta 50%. Já o Brasil consome a totalidade de sua produção de 430 mil t e importa mais 100% para suprir sua necessidade de consumo de 800 mil toneladas por ano. ■

Decisões de Córdoba

Ficou decidido no Encontro de Córdoba que o intercâmbio tecnológico deve acontecer dentro de um convênio formalizado entre a iniciativa privada e os governos dos países produtores de algodão do Mercosul, como forma de aumentar a produtividade. Como a cultura é controlada por pequenos produtores será dada uma atenção para o associativismo e maior valorização aos subprodutos como o caroço. Os países deverão promover rapidamente uma integração dos órgãos de pesquisas no desenvolvimento de variedades mais produtivas economicamente.

No item transporte e tarifas aduaneiras foi sugerido o controle único, com a implantação de apenas uma aduana entre os países para economizar tempo na importação de produtos e transporte. Como exemplo, Bernardes citou o fato de que na Argentina só circulam

caminhões nacionais, obrigando o transbordo de mercadorias, que só atrapalha, agravado com a burocracia que é gerada por essa operação.

Para evitar a proliferação de pragas e doenças, a iniciativa privada sugeriu que os governos devem apoiar gestão junto ao Comitê Consultivo Internacional do Algodão para obtenção de fundos, que serão aplicados num amplo projeto de prevenção e controle do bico-de-cara e da Doença Azul (doença viral causada pelo pulgão que está infestando áreas plantadas no Paraguai).

Em relação às tarifas de importação foi unânime a posição de que devem ser comuns entre os países e discutidas com a iniciativa privada. A medida visa inibir ações que resultam no desestímulo à produção como ocorreu no Brasil, no ano passado.